



VIDA NOVA

# OS PRAZERES DE DEUS



# JOHN PIPER

John Piper parte de dez “deleites” expressos por Deus e investiga sua importância e implicações com raro zelo. Que privilégio ter alguém que pensa sobre essas realidades bíblicas com tanto amor e investiga nossas reações bíblicas com tanto entusiasmo. Se todos os livros cristãos fossem carnes em um churrasco australiano, essa seria a mais suculenta de todas — quente, saudável e maravilhosa.

**Simon Manchester**, ministro sênior da St. Thomas Church,  
em North Sydney, Austrália.

No livro *Em busca de Deus* (Shedd Publicações), John Piper nos apresentou a ideia de que a busca da glória de Deus e a busca da nossa alegria não são contrárias, porque a busca da glória de Deus é nossa alegria. Em *Os prazeres de Deus*, Piper nos ajuda a ver que a glória de Deus é revelada em grande parte naquilo que o faz feliz. *Os prazeres de Deus* é um convite à meditação naquilo que faz Deus feliz. Se aquilo que o faz feliz revela sua glória, e se quando a contemplamos nos tornamos semelhantes a ele (2Co 3.18), então meditar nos prazeres de Deus será um meio de alegrar-se muito mais em Deus e de conformar-se cada vez mais com sua semelhança. Se esse for seu desejo, pegue essa nova edição e a leia várias vezes.

**Juan R. Sanchez Jr.**, pastor pregador da High Pointe Baptist Church, em Austin, Texas, Estados Unidos.

Esse livro é surpreendente tanto por seu alcance quanto por seu enfoque e constitui um apelo rejubilante, ainda que profético, ao amor e à adoração a Deus — cuja dignidade e excelência infinitas se revelam naquilo que ele ama e lhe dá prazer. É ao mesmo tempo belo e comovente, sério, abrangente e profundo. *Os prazeres de Deus* certamente está no mesmo patamar de *O conhecimento de Deus* (Cultura Cristã), de J. I. Packer, como um dos livros de formação cristã mais profundamente tocantes dos tempos modernos.

**Reverendo Richard M. Cunningham**, CEO da Intervarsity UK.

Poucos livros mudam genuinamente a vida. *Os prazeres de Deus*, de John Piper, sem dúvida alguma é um deles. Costumo sempre dizer às pessoas: “Se eu estivesse numa ilha deserta e só pudesse ter comigo três livros além da Bíblia, escolheria *Em busca de Deus* e *Os prazeres de Deus*, de John Piper.

**Sam Storms**, presidente do ministério Enjoying God,  
em Kansas City, Missouri, Estados Unidos.

Corra, adquira logo esse livro incrível.

**Joni Eareckson Tada e Steven Estes.**

Eu exorto você a ler duas vezes *Os prazeres de Deus*. Leia a primeira vez para ter uma imagem do todo; leia uma segunda vez para desfrutar do puro prazer de amar um Deus tão magnífico, tão excelente e tão santo.

**Erwin W. Lutzer**, pastor sênior da The Moody Church.

Em nosso mundo decaído, se olharmos para o sol ficamos cegos. Contudo, pela graça, contemplar Deus nos confere visão espiritual. De todos os livros do pastor John, esse é o mais radical. Aproprie-se também dessa visão de Deus e passe a enxergar.

**Mark Dever**, pastor da Capitol Hill Baptist Church,  
em Washington, D.C., Estados Unidos.

Em poucas palavras, *Os prazeres de Deus* teve um impacto duradouro na minha vida. John Piper, de modo profundo em sua teologia, mas também muito prático, nos ensina como exaltar a santidade de Deus desfrutando ao mesmo tempo da felicidade divina. Recomendo que você leia e releia este livro.

**David Platt**, pastor sênior, The Church at Brook Hills, Birmingham,  
Alabama, autor de *Contra cultura* (Vida Nova).

# SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <i>Prefácio</i> .....  | 11  |
| <i>Agradecimentos</i> .....  | 17  |
| Introdução: Como nasceu este livro .....   | 19  |
| 1. O prazer de Deus em seu Filho .....   | 29  |
| 2. O prazer de Deus em tudo o que faz .....  | 51  |
| 3. O prazer de Deus em sua criação .....   | 79  |
| 4. O prazer de Deus em seu renome .....  | 101 |
| 5. O prazer de Deus na eleição .....   | 125 |
| 6. O prazer de Deus em esmagar o Filho .....   | 161 |
| 7. O prazer de Deus em fazer o bem a todos os que esperam nele .....                         | 187 |
| 8. O prazer de Deus nas orações do justo.....  | 213 |
| 9. O prazer de Deus na obediência pessoal e na justiça pública .....                         | 243 |
| <i>Epílogo: Quase bom demais para ser verdade —<br/>Uma palavra final de esperança</i> ..... | 271 |
| <i>Guia de estudo</i> .....  | 281 |
| <i>Índice de passagens bíblicas</i> .....  | 309 |
| <i>Índice remissivo</i> .....  | 321 |

# PREFÁCIO

**N**unca houve uma era em que as pessoas refletissem com excessiva profundidade sobre Deus ou o conhecessem bem demais. É impossível conhecer Deus excessivamente. Ele é a pessoa mais importante que existe. Isto é assim porque ele criou todas as demais, e qualquer importância que tenham elas devem a ele. Toda força, inteligência, habilidade ou beleza vem dele. Em qualquer escala de excelência, ele é infinitamente maior do que a melhor pessoa que já conhecemos ou da qual ouvimos falar.

Sendo infinito, o interesse que desperta é inesgotável. É impossível, portanto, que Deus seja tedioso. A demonstração contínua que ele faz das ações mais inteligentes e interessantes é vulcânica. Como fonte que é de todo bom prazer, ele proporciona prazer completo e final. Se não é assim que o experimentamos, ou estamos mortos ou dormindo.

Portanto, é surpreendente como nos esforçamos pouco para conhecer Deus. É como se o presidente dos Estados Unidos viesse morar conosco durante um mês e nós o cumprimentássemos de passagem, de vez em quando. Ou como se voássemos à velocidade da luz durante algumas horas ao redor do sol e do sistema solar e, em vez de olhar pela janela, jogássemos um jogo no computador. Ou como se fôssemos convidados a ver os melhores atores, cantores, atletas, inventores e estudiosos fazendo o que sabem fazer melhor, mas recusássemos o convite, para não perder o último capítulo da novela na tevê.

Se você pegou este livro e leu três parágrafos dele, é sinal de que quer mais. Deus está em ação, trabalhando em você, para que o conheça. Algo está despertando em seu íntimo. Você sente que lhe falta alguma coisa. Algo que deve ter a ver com Deus.

Ou pode ser que você tenha se aprofundado nele durante anos. Você é um piloto veterano. Seus olhos estão grudados na janela da espaçonave. Você aproveita todas as noites para bombardear o presidente com perguntas. Você se senta, ansioso, na primeira fila do auditório. Você quer mais. Chegou ao ponto mais alto e olhou do cume do seu conhecimento para a cadeia divina de montanhas, e elas lhe tiraram o fôlego.

Se lhe serve de alguma ajuda, saiba que comecei minha escalada antes de você. Amo sondar a revelação que Deus faz de si mesmo. Ainda hoje de manhã, sublinhei de novo minha Bíblia: “Buscai o SENHOR e a sua força; buscai continuamente sua presença!” (Sl 105.4, ESV). É isso que amo fazer. Busque-o. Conheça-o. Revele-o.

Onde se pode achá-lo e conhecê-lo? Ele nos diz: “O SENHOR *se* revelou a Samuel em Siló pela *palavra* do SENHOR” (1Sm 3.21, ESV). Deus *se* revela pela sua *Palavra*. Se o queremos, examinamos sua *Palavra*. Por isso, passo boa parte do meu tempo em busca do Senhor, consultando sua Palavra.

Se eu puder ajudar a lhe mostrar mais de Deus, só poderei fazê-lo por meio do que ele disse em sua Palavra. Não o farei por meio da inventividade, mas, sim, da fidelidade. Conhecer as maravilhas de Deus é algo que se dá pelo conhecimento das maravilhas da Palavra.

*Os prazeres de Deus* alicerça-se sobre a verdade de que “o valor e a excelência de uma alma se medem pelo objeto do seu amor”. São palavras de Henry Scougal. Você saberá mais a respeito dele na Introdução. Ele quer dizer que o valor e a excelência de uma alma se medem pelo valor e pela excelência do que a alma mais aprecia. Portanto, se aprecio mais o pecado de me vangloriar, sou uma alma medíocre, digna de pena e pecadora. Se, porém, aprecio ao máximo a grandeza divina, minha alma foi resgatada e está a caminho de se tornar excelente.

Foi por isso que dei meia-volta e indaguei: O quanto é digna e excelente a alma de Deus? E para descobrir isso, perguntei: Qual é o objeto do seu amor? E não: O que mais desperta sua piedade ou do que ele mais se compadece? (Nesse caso, a resposta seria nós.) A pergunta é: O que ele mais aprecia? Em que ele se compraz? Se o princípio de Henry Scougal continua valendo, essa pergunta revelará o valor e excelência de Deus. Porque “o valor e a excelência de uma alma se medem pelo objeto do seu amor”.

Portanto, meu objetivo consiste em esquadriñar as Escrituras para descobrir com o que Deus se deleita. Quais são seus prazeres? Faço isso não por curiosidade, mas para conhecer a grandeza de sua dignidade e excelência. Quero perscrutar junto com você as cadeias montanhosas das perfeições divinas, até onde os olhos podem alcançar. Por isso, coloquei esse telescópio especial diante dos olhos: as perfeições de Deus reveladas por meio dos seus prazeres.

Fico perplexo ao ver quanto da glória divina é revelada através desse telescópio. Agradeço a Deus pelo dia que li a frase de Henry Scougal: “O valor e a excelência de uma alma se medem pelo objeto do seu amor”. Poucas lentes mostraram ser mais poderosas para ver a grandeza das perfeições divinas.

As vantagens de conhecer a Deus de forma mais completa e profunda desse modo são inúmeras. Para isso foram criados nossa mente e nosso coração — para conhecer e amar a Deus. Nada se compara à iluminação da mente e ao despertamento do coração ao se darem conta de que essa é a razão pela qual existo. Ver a Deus desse modo com minha mente, e provar dele com meu coração, não há experiência que se compare a essa. E todas as demais conduzem a ela.

É também uma experiência muito prática. Ver e provar a glória de Deus dessa maneira nos modifica profundamente. Quando somos mudados dessa forma, há um efeito sobre todas as nossas atitudes e ações. É assim que o Novo Testamento descreve essa experiência: “Todos nós, com o rosto descoberto, *contemplando* a glória do Senhor, estamos sendo *transformados* de glória em glória nessa mesma imagem” (2Co 3.18, ESV). *Ao contemplar a glória*, estamos sendo *transformados*.

Oro para que aconteça isso quando você ler este livro. Não recomendo que o leia depressa. Para contemplar a glória é preciso tempo. O mundo moderno, com seu ritmo acelerado, tentará forçá-lo a se apressar e ler rapidamente. Esse tipo de vida fará de você uma pessoa rasa. O mundo não precisa de mais indivíduos que leem muito e no entanto são rasos. Ele precisa de pessoas que sejam profundas. Não digo complexas. Não me refiro a pessoas excepcionalmente instruídas. Nem penso que você deva ter um vocabulário sofisticado. Não estou me referindo a um conhecimento do passado histórico. Estou falando da glória; quero que você veja a glória

de Deus em sua Palavra, depois de meditar nela e de perceber sua relação com todas as partes de sua vida. Quero que você se sinta firmado nela e satisfeito com ela. Você chegou em casa. Não há mais por que se inquietar. Você está em paz na presença de Deus. É a isso que me refiro quando falo em profundidade. É disso que o mundo precisa.



Completaram-se recentemente vinte anos desde a primeira edição de *Os prazeres de Deus*. Agradeço profundamente a Deus que, por sua misericórdia, fez com que este livro fosse útil a muitos. Agradeço a Multinomah Books por ainda acreditar no valor deste livro e por sua disposição em lhe conferir vida nova.

Procurei atualizar seu material e reescrever coisas para que fossem menos dependentes das mudanças temporais. Retirei o capítulo 10 da segunda edição porque se transformou em outro livro: *Think: the life of the mind and the love of God*.<sup>1</sup> Excluí também o Apêndice da segunda edição (“Existem duas vontades em Deus? A eleição divina e o desejo de Deus de que todos se salvem”). Minha intenção foi transformar esse apêndice num livrinho à parte. Essas mudanças fizeram com que este livro ficasse mais curto e mais centrado, conforme a edição original de 1991.

Devo à minha esposa, Noël, mais do que alguém possa imaginar (com exceção de Deus) pelo que sou capaz de escrever. Há maneiras de uma esposa apoiar e moldar um homem das quais nem mesmo ele se dá conta. Essa é uma das misericórdias divinas do casamento. Quarenta e três anos foram um bom período para me moldar profundamente. Sou grato por isso. A eternidade revelará o quanto lhe devo.

Obrigado, Noël, pelas caminhadas matinais na rua Atlanta no verão de 1990, quando eu escrevia este livro. Obrigado por me apoiar no decorrer das inúmeras revisões dele, inclusive nesta. Amo você e repito que estas linhas são tão verdadeiras hoje quanto da primeira vez que as escrevi no nosso vigésimo aniversário:

---

<sup>1</sup>Publicado em português por Fiel sob o título *Pense: a vida da mente e o amor de Deus*.



Ainda que a figueira não floresça,  
 E as videiras do nosso pequeno lote  
 Não deem frutos, e a oliveira definhe,  
 O rebanho desfaleça, e o novillo fraqueje,  
 Nós nos alegraremos em Deus, meu amor,  
 E fruiremos dos prazeres do alto:  
 O Senhor, nosso Deus, será nossa força,  
 E nos dará vida por tanto tempo nesta terra  
 Quanto lhe aprouver, e fará dos nossos pés  
 Como os do cervo das montanhas, para que se ergam  
 e se firmem no caminho estreito do homem e da mulher,  
 O caminho que se ergue sobre as escarpas e conduz à vida.

Por fim, uma palavra para meus filhos. Dedico este livro a vocês, Karsten e Benjamin, e a Abraham e Barnabas. As coisas mudaram desde 1991. Nenhum de vocês era casado na época. Hoje estão todos casados e têm filhos. Vocês agora têm uma irmã, Talitha Ruth, um presente extraordinário de Deus para a nossa família.

O que tenho em mente para vocês não mudou nestes vinte anos. O legado que almejo lhes deixar nada tem a ver com dinheiro, casa ou terra; trata-se de uma visão de Deus — de um Deus tão grande e glorioso quanto se possa imaginar. Mais do que isso, porém, quero lhes deixar um legado de paixão por esse Deus. Ele os comprou por grande preço. Vocês são preciosos para ele. E para mim. Rogo para que sua paixão por ele seja uma paixão que vá além da que qualquer ser humano possa ter — uma paixão por Deus que flui do próprio coração de Deus. Jamais se esqueçam de que Deus é mais glorificado em vocês quanto maior for a satisfação de vocês nele. Mais do que isso, porém — e esta é minha oração por vocês —, no tempo de Deus, que sua satisfação nele seja sem medida, tornando-se o próprio prazer de Deus em Deus.

# AGRADECIMENTOS

**R**econheço minha dívida infinita com Jesus Cristo. Esta não é uma tentativa de retribuição. Algo assim seria uma ofensa à graça. É um ato de adoração. Desde que nasci, minha dívida com ele só aumentou, e serei seu devedor para sempre. A cada fôlego, a cada vez que meu coração bate, a cada livro e a cada amigo, minha dívida com a graça só faz aumentar. Nisso me regozijo, porque o Doador recebe a glória (1Pe 4.11).

Debaixo dessa torrente de graça sem fim, as pessoas me cercam solícitas e com amor. No meu trigésimo segundo ano de ministério na Igreja Batista de Bethlehem, surpreendo-me com o apoio das pessoas e dos presbíteros de minha igreja. Eles oram por mim. Eles me ouvem. Eles me corrigem. Eles me encorajam. Agradeço a Deus por mais de três décadas de mediação de sua misericórdia.

Rick Gamache me ajudou a preparar o guia de estudo. David Mathis e Nathan Miller organizaram centenas de detalhes para mim, a fim de que eu pudesse me dedicar à escrita e à edição. Carol Steinbach se ocupou do índice de passagens bíblicas e do índice onomástico. A Multnomah Books encorajou muito a terceira edição deste livro. Tudo isso é graça, e agradeço a Deus por ela.

Obrigado, Noël, por ser uma rocha para mim e por ler tudo para que ficasse melhor.

# COMO NASCEU ESTE LIVRO

*A dignidade e a excelência de uma alma  
se medem pelo objeto do seu amor.*

H E N R Y S C O U G A L

## ONDE ENCONTREI A CHAVE

**E**stava lendo pela segunda vez *A vida de Deus na alma do homem*,<sup>1</sup> de Henry Scougal. Foi numa daquelas vezes a que me refiro como “um passeio pelas pastagens”, uma segunda-feira de manhã, talvez, quando o pastor se sente mais como uma ovelha coxa do que um pastor que conduz. Eu queria comida sólida, rica, de raízes profundas, que desperta a sede e confere vida à alma exaurida.

Lembrei-me de sete anos antes, quando li esse livro pela primeira vez, e o tirei da estante. Praticamente todas as páginas estavam marcadas com sublinhados, notas e pontos de exclamação. Veio-me à mente o quanto este livro havia me tocado profundamente. Até mesmo as notas nas margens despertavam antigas afeições.

Há livros cuja visão é tão profunda e nítida que fazem ecoar a verdade de suas páginas como o dobrar de um grande sino, perfeitamente flagrante,

---

<sup>1</sup>Publicado em português por PES sob o título *A vida de Deus na alma do homem*.

porém raro e precioso. Eles desvelam o coração do homem e Deus com uma iluminação tão vigorosa que a verdade não apenas é apresentada à minha mente, mas também gerada em meu coração.

Li novamente que “a alma do homem [...] tem em si uma sede imensa e insaciável...”.<sup>2</sup>

E que sede!

Li que “a alma nunca sabe que alegria concreta e que prazer substancial existem até que, exausta em si mesma, renuncia a toda propriedade [e] se rende ao Autor do seu ser”.<sup>3</sup>

E havia em mim um anseio tremendo de me entregar a Deus, para que fosse saciada essa “sede imensa”.

E assim foi quando me alimentava das verdes pastagens deste livro notável.

Nem todos reagem desse modo a um livro de trezentos anos. Contudo, tenho de admitir que a maior parte do alimento de minha alma provém de livros muito antigos. Considero a atmosfera do meu século muito saturada do homem e distante da doce soberania divina.

Não, porém, em Henry Scougal. Ele era lembrado como alguém “cuja alma inteira parecia ter sido tragada pela contemplação de Jesus Cristo”.<sup>4</sup> Ele escreveu *A vida de Deus na alma do homem* em 1677, quando tinha apenas vinte e sete anos.

Ele fora para a Universidade de Aberdeen, na Escócia, com quinze anos. Aos dezenove, foi nomeado instrutor de filosofia e, em seguida, depois de quatro anos lecionando, deixou a universidade e foi pastor durante um ano em Auchterless, a cerca de 32 quilômetros de distância. Foi chamado de volta à universidade do King’s College para ensinar teologia e morreu de tuberculose em 13 de junho de 1678, antes dos vinte e oito anos. É uma das tensões sombrias na melodia da providência divina que pessoas como Henry Scougal (vinte e sete anos), David Brainerd (vinte e nove anos), Henry Martyn (trinta e um anos) e Robert Murray McCheyne (vinte e nove anos) tenham todos morrido tão jovens.

---

<sup>2</sup>Henry Scougal, *The life of God in the soul of man* (Harrisonburg: Sprinkle Publications, 1986), p. 108.

<sup>3</sup>Ibidem, p. 71-2.

<sup>4</sup>Ibidem, p. xxvi.

Contudo, todos fizeram mais pelo reino de Deus no pouco que viveram do que a maior parte dos demais realizaram em setenta anos de vida. O que Scougal fez ultrapassou todas as suas próprias expectativas. *A vida de Deus na alma do homem* não foi escrito para ser publicado. Era uma carta a um amigo que estava necessitado espiritualmente. O amigo a fez circular de modo privado, até que o bispo Gilbert Burnet a publicou. Durante trezentos anos, a obra tem sido republicada a pedido do povo faminto de Deus. Hoje ele é um clássico da devoção cristã.

É claro que não sou o primeiro a beber desse livreto. George Whitefield, o grande evangelista do século 18, fez uma homenagem notável ao livro:

Embora tivesse jejuado, vigiado e orado e recebido durante tanto tempo o sacramento, ainda não conhecia a verdadeira religião até que Deus me enviou aquele excelente tratado pela mão do amigo de quem jamais me esquecerei.

O amigo de quem ele jamais se esqueceria era Charles Wesley. Whitefield o procurara em profunda perplexidade espiritual e Wesley lhe dera um exemplar de *A vida de Deus*, de Scougal. A experiência de Whitefield confirma o poder desse livro:

Oh, que raio de vida divina brilhou então em minha alma! Escrevi para todos os meus irmãos e irmãs. Conversava com meus alunos quando vinham à minha sala. Punha de lado toda conversação trivial. Afastava-me de todo livro tolo porque estava determinado a estudar para ser santo e, depois, acadêmico. A partir daquele momento, Deus começou a realizar sua obra bendita em minha alma.<sup>5</sup>

Se o livreto de Scougal (105 páginas na edição da Bethany, e 160 na edição da Sprinkle) tocou o grande Whitefield tão profundamente, não admira que tenha me ajudado. Depois de trinta páginas, cheguei à seção intitulada “A excelência do amor divino”. Uma frase me despertou a atenção. Ela tomou conta de minha vida intelectual em princípios de 1987 e se

---

<sup>5</sup>Citado em Henry Scougal, *The life of God in the soul of man*, org. Winthrop S. Hudson (Minneapolis: Bethany Fellowship, 1976), p. 13. Para uma declaração mais completa da resposta de Whitefield ao livro de Scougal, veja Arnold Dallimore, *George Whitefield* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1970), vol. 1, p. 72-3.